

CEDI - P. I. B.  
DATA 12 / 09 / 86  
COD. KV D 17

QUADRO DA SITUAÇÃO

KULINA

DO IGARAPE PRETO (AUITINI)

RIO JURUÁ - AM

Rubens Monteiro de Souza -  
Conselho Indigenista Missionário - CIMI / Reg. Acre.

QUADRO POPULACIONAL

rio	igarapé - aldeia	numeração no mapa	população	município
ACURUA	.Amapá	(1)	42	Envira
TARAUACÁ	.Bananal	(2)	37	"
	.Bacaba	(3)	49	"
	.Cacau	(6)	98	"
	.Samauma	(7)	30	Eirunepé
ENVIRA	.Machado	(4)	15	Envira
	.Piauí	(5)	62	"
JURUÁ	.ig. do Indio	(8)	41	Itamarati
	." Soldado	(9)	48	Eirunepé
	." Preto	(11)	103	"
	." Baú	(12)	92	"
	." Penedo	(14)	137	Ipixuna
	." Medonho	(15)	64	"
	." Tarema	(16)	16	"
	." Salgueiro	(17)	24	"
	." Ipixuna	(18)	06	"
EIRU	.ig. Caurimá	(10)	77	Eirunepé
Gregório	.ig. Coatá	(13)	28	"
TOTAIS		18	869	

## I . HISTÓRICO

### I.a Os Kulina

Os Kulina, de auto denominação Madiha, fazem parte do tronco linguístico Aruak, sub grupo Arauá, que inclui as línguas Arauá, Jama madi e os Tukulina, estes últimos vivendo atualmente no Peru. (1) Os grupos Arauá ocupavam as bacias dos rios Juruá e Purus. O alto curso desses rios e seus afluentes - Gregório, bacia do Tarauacá Chandless, Iaco, Acre - misturavam-se a grupos Aruak "pré-andinos" (Apurinã, Kanamari, Maxineri) e vários grupos de língua Pano e Ca tuquina.

Tastevin em 1927 estima a população do Juruá de 50 a 60.000 almas e que por volta de 1880 somente havia a presença de índios. Grande teria sido o número deles, vítimas do choque com os caucheiros. A primeira referência segura dos Kulina é de Chandless (1866), que os localiza na margem direita do Juruá (médio curso), no alto Xirua um afluente da margem direita do Juruá, e no Tarauacá afirmando ainda haver Kulina mais a sudoeste (Gregório?). Em 1896, Bates fala em Kulina no Xirua e no Envira (Rivet & Tastevin 1938).

Rivet & Tastevin (1921) afirmam que os Kulina encontrados entre o Eiru e o Gregório vinham da região entre o Envira e o Tarauacá, mais a leste, fugindo provavelmente de seringueiros. Os autores dão a localização detalhada de diversos clãs (Madiha) Kulina :

- . os Dzuihi (macaco prego) na cabeceira do Eiru
- . os Tsinama (cotia), Badu (veado), Kamanui (paca) e outros na bacia deste mesmo rio.
- . os Eté (cachorro) no igarapé Baú.
- . os Hadu (taboca) no Acuraua.
- . os Hawa (patauá) no iga.Coatá na margem direita do Gregório.

Tastevin em 1927 estima na bacia do Juruá 300 Kanamarí, 400 Kulina e 500 Naua ou Pano. Neste período os Kulina estavam concentrados entre o Gregório e o Tarauacá.

Todas informações, portanto, situam os Kulina na bacia do Juruá sobretudo nos rios Envira, Tarauacá, Eiru, Baú e Gregório. (2)

(1) . segundo A. Metraux, Handbook of South American Indians, vol 3, p. 660.

(2) . Os dados e informações apresentados neste item foram retirados de - Tastevin, C. "La region .." La geographie Vol - XLVIII pp. 259-81. 1927 e do relatório de Eduardo B. Viveiros de Castro, Museu Nacional - RJ - 1978.

I.b Os Kulina do ig. Preto (Ahitini) - área compreendida entre as bacias do rio Eiru e ig. Baú (Uessesesse).

Inicialmente encontravam-se distribuídos predominantemente ao longo dos igarapés : Baú (Uessesesse), Piranha (Cauatoni) - afluente do Eiru, rio Eiru (Cosíha), Fenedo, Riozinho da Liberdade e Medonho/ estes últimos no lado esquerdo do rio Juruá. Neste tempo, relata o Kulina Eteho (45anos), três gerações anteriores a sua, não havia "cariús" (não-índios) e as casas eram as comunais (odsa-behe). Esta terceira geração foi a que chegou ao igarapé Preto (Ahitini) e se estabeleceu nos seguintes afluentes : ig. Branco e ig. Coatá. Nas cabeceiras do ig. Branco o grupo tinha como tuxaua o Kulina Aribuna.

José Maia foi o primeiro cariú a chegar e morar no ig. Preto. Para ele os Kulina caçavam, faziam roçados, passaram a cortar sorva e recebiam ferramentas em troca. Mais tarde os que se encontravam no ig. Coatá comerciaram com o cariú José Ferreira que fazia varação pelo rio Juruá para o ig. Coatá. Com a morte de José Maia Francisco Chagas que possuía um seringal no Juruá comprou o seringal da viúva Maia. Francisco Chagas estabeleceu-se no local denominado São Miguel entre os igarapés Tiofo e Branco, bem abaixo de onde se encontravam os Kulina. Os índios trabalharam nas derrubadas, preparo da terra, caça, limpeza das estradas de seringa e receberam ferramentas e sal em troca. As mercadorias eram escassas e poucas, e muitas vezes ficavam sem nada receber. Desceram das cabeceiras do ig. Branco para a sua foz no local denominado Baracá aí fizeram suas casas e roçados. Neste local viveram a geração dos avós e pais de Eteho e destes que hoje constituem os adultos de 50 anos para cima. Hoje Baracá é uma capoeira velha, como dizem os Kulina, onde se encontra uns ingazeiros e pupunheiras perdidos na quiçaça. Seguindo cronologicamente o tempo migraram mais acima no local onde hoje voltaram a estabelecer moradia, depois de sucessivas migrações devido a fatores culturais e a uma epidemia de sarampo que fez muitas vítimas tanto entre os Kulina como entre os cariús que se concentravam abaixo de São Miguel. Aí há três grandes capoeiras velhas por onde nasceu a atual geração de jovens e adultos. O tuxaua de maior importância nesta época era Samue. Houver muito roçado e fartura e ainda restam mangueiras, pupunheiras e cerâmica enterrada na capoeira velha. Os Kulina e os seringueiros mais antigos, falam deste período em que reunira-se muito Kulina e do ritual "festa do peixe-boi" (Cocossi) do qual participavam Kulina de toda bacia do Juruá, Envira e Tarauacá. Voltaram a descer o igarapé e reuniram-se no local conhecido como Boa Vista. Havia um grupo que morava no ig. Novo Acre, nas proximidades da foz do ig. Coatá. Este grupo veio posteriormente reunir-se com os de mais no Boa Vista.

Neste local o Kulina Batta matou Samue que era tuxaua e pajé. A partir deste acontecimento, como é característica deste povo, iniciaram movimento de migração, agora saindo do ig. Preto para o ig. Piranha, ig. Cacaú ( Envira ), rio Eiru e ig. Baú, onde haviam parentes seus. Batta vive hoje com um pequeno grupo no ig. Baú ( Uessesse). A migração durou aproximadamente quatro anos sendo que aos poucos foram retornando ao ig. Preto agora fixando-se no local conhecido como Januário, alguns no local Nove Voltas e posteriormente no local - Torre da Lua. Os que foram para o ig. Cacaú no rio Envira retornaram para o ig. Preto, passando pelo rio Eiru encontraram surto de sarampo que fez muitas vítimas e acelerou o processo de retorno tanto para aqueles que vinham do ig. Cacaú como para aqueles que haviam ido para o rio Eiru.

Neste período uma nova geração assumia as lideranças do grupo e restavam poucos dos idosos da geração de Samue. Com o falecimento de Francisco Chagas, São Miguel ficou abandonado- seus filhos encontravam-se estudando em Manaus. Ficou vários anos desativado este seringal. Raimundo Chagas da Silva, filho de Francisco Chagas da anos mais tarde tornou a subir o ig. Preto fixando-se no local - Capoeirinha. Não havia barracão e Eteho conta que / cortavam madeira para que ele vendesse e eles as vezes recebiam alguma mercadoria e as vezes ficavam sem receber pelos serviços prestados no roçado, pela caça e limpeza das estradas de seringa. Mais recentemente há quatro anos atrás o gerente Raimundo Chagas seu irmão Petrônio sobe até as cabeceiras do ig. Preto ( Ahitini) e levanta outro barracão e muitos seringueiros abrem colocações e se instalam pelas cabeceiras deste mesmo igarapé, do ig. Ihitini, ig. Branco, ig. Coatá e Novo Acre.

## II . A R E G I A O

- . A economia da região mais especificamente do ig. Preto está baseada no corte da seringa e em segunda estância a criação de gado ( pequena escala) e corte da madeira dificultado pelas condições de se transitar com as toras pelo igarapé.
- . Duas são as empresas seringalistas a primeira de propriedade de Osman Gazel abaixo do ig. Tiofo, fornece mercadoria através de um barracão (ver mapa) gerenciado por Manuelzinho. A segunda de propriedade de Raimundo Chagas da Silva alcança toda margem direita do igarapé. e a partir de São Miguel, igarapé acima, a margem esquerda. Contém dois barracões nos locais - Capoeirinha e Coatá, gerenciados por Petrônio. Convém ressaltar /

que estas duas empresas seringueiristas reivindicam cada qual as áreas que tem ocupado com o corte da seringa.

- .A propriedade de José Pereira (falecido) nas proximidades do igarapé Lontra está voltada para a criação bovina.
- .Há outras presenças neste igarapé que são esporádicas : marreteiros do Juruá, que trazem mercadorias por varação. Nas proximidades da foz do ig. Preto, no período da desova do matrinchã podemos encontrar pescadores vindos de Eirunepé, a procura deste apreciado peixe para abastecer o mercado daquela cidade. Também em determinados tempos do ano entram no igarapé os caçadores de jacaré.
- .As colocações dos seringueiros estão situadas ao longo de todo o igarapé principal o Preto bem como nas cabeceiras de seus afluentes.

### III . S I T U A Ç Ã O     A T U A L   D O S     K U L I N A

No ig. Preto se encontram concentrados em três pontos - no local Torre da Lua (cinco famílias), no local Januário (duas famílias), Capoeira Velha ou Porto Velho (quinze famílias) este último onde Samue era tuxaua há aproximadamente dez anos atrás.

#### III.a-Relações com a empresa seringueirista

As relações com a empresa seringueirista são de cunho comercial e prestação de serviços. A borracha retirada das estradas dos Kulina é toda vendida nos dois barracões do seringueirista Raimundo Chagas da Silva. Consomem basicamente o sal, querosene, munição, ferramentas e roupas. O valor pago pela borracha alcança somente 40 % do valor total real deste produto. Não vendem sua produção em Eirunepé porque a empresa não permite. Outro tipo de relação são as prestações de serviço que basicamente são trabalhos pesados - fabricação da farinha, roçados, limpezas. Geralmente recebem quantias irrisórias de farinha ou tabaco ou munição por vários dias de trabalho. Também com muita frequência servem de remadores, transportando o gerente e mercadorias da Capoeirinha para o Coatá. Ficam de dois a três dias à disposição e geralmente recebem uma onça (cinquenta gramas) de tabaco ou pequenas quantidades de sal ou nada recebem em pagamento.

#### III.b- Relações com os seringueiros

Em primeiro lugar com o gerente Patrônio que por um lado representa o patrão realizando negócios em nome da empresa, por outro lado negócios particulares : Compra porcos e galinhas



vendeu um motor com rabeta (3HP). O seu último negócio com os porcos foi a compra de dez suínos de peso variando de trinta a cinquenta quilos e pagando o valor de mil cruzeiros por cabeça, ou seja 10 % do valor real atual, no igarapé. No início do mês de abril do corrente ano levou porcos ficando sem efetuar os pagamentos. Os Kulina revoltados, por ocasião das comemorações da Páscoa em que o gerente havia ido à Eirunepé e os seringueiros envolvidos com os festejos, pegaram parte da borracha em pagamento dos porcos, "roubaram do barracão" como foram acusados, e levaram-na para vender na cidade. Petrônio reaveu parte da borracha ameaçando de acusá-los na delegacia. Este mesmo gerente sofreu atentado de morte por parte do Kulina Sahi do local Torre da Lua, pelo fato de ter abusado de sua mulher. No Januário a Kulina Huacobo teve uma filha de Petrônio, com a qual mantém relações esporádicas. No tocante às mulheres, com os demais seringueiros as atitudes são as mesmas: as jovens são trocadas por objetos - rádio, espigarda etc.. Entretanto com estes segue relacionamento de boa vizinhança em detrimento de interesses. Os Kulina por seu lado retiram objetos pessoais ou alguma mercadoria por ocasião da passagem dos seringueiros pela aldeia, e os outros carregam a canoa dos índios e levam vantagem em pequenos negócios a base de troca - porcos por rádio usado, um / exemplo. Bebida alcoólica, festejos, são promovidos na aldeia a pedido dos seringueiros, ocasião que gera conflitos e agressões.

III.c - Outras presenças: Por varação do Juruá para Torre da Lua uma ou mais vezes por mês marreteiro traz mercadorias. Os conflitos entre os Kulina são frequentes por ocasião da vinda do marreteiro com a venda da cachaça. Servem-se também do barracão de Os mam Gazel onde procuram mercadorias que estão em falta no barracão da Capoeirinha e a cachaça.

II.d - Missão Novas Tribos do Brasil: Recorrem a esta missão a procura de medicamentos, tratamentos de saúde e visita de parentes que estão no ig. Penedo - há muita movimentação por uma varação que fazem do ig. Coatá (afluente do ig. Preto) para o ig. Baú e de lá para o Penedo ou Medonho. Nestas visitas que variam de dias a meses os jovens costumam frequentar a escola da missão.

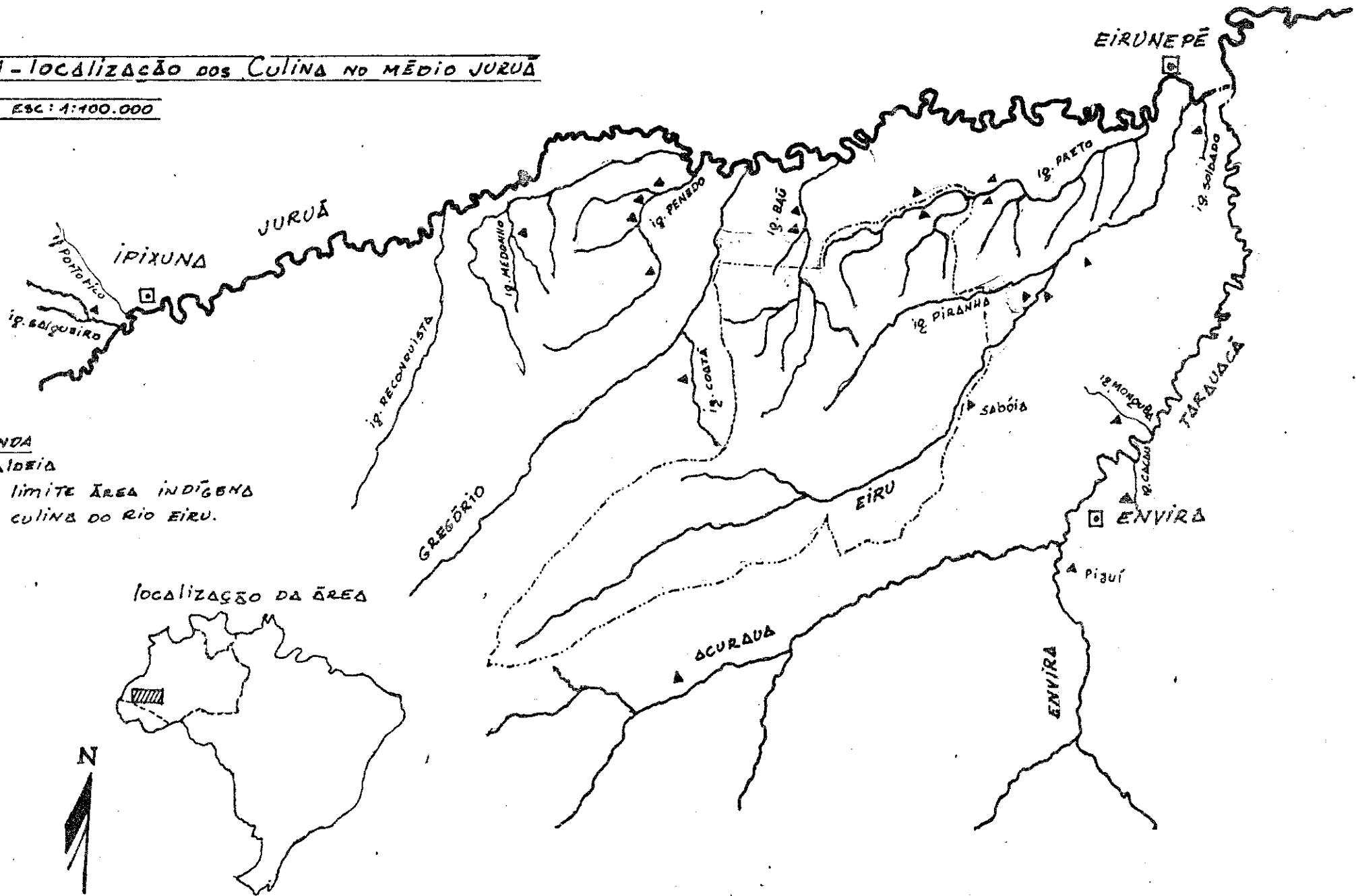
III.e - Subsistência: O peixe tem sido a principal fonte de alimento, mais abundante durante o verão e principalmente nos afluentes do ig. Preto. Durante o inverno escasseia muito os peixes que vão para os igapós, então passam a caçar com mais frequência, mas hoje com muita dificuldade encontram caça dado ao comércio de carne de caça do Kulina com o seringueiro e seringueiro e a cidade que realizaram até recentemente.

# CROQUI - LOCALIZAÇÃO DOS CULINA NO MÉDIO JURUÁ

ADAM ESC: 1:100.000

## LEGENDA

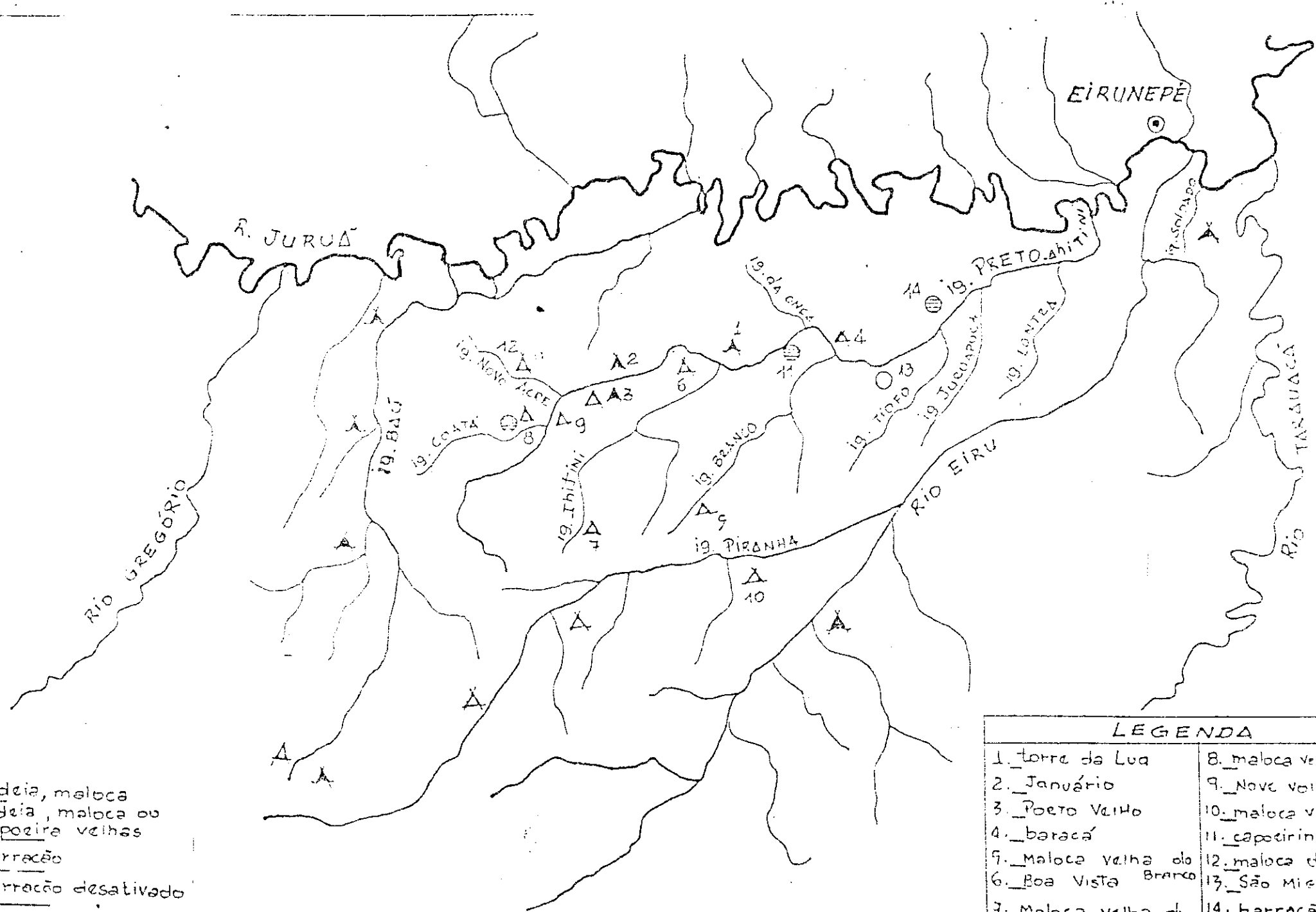
- ▲ - ALDEIA
- LIMITE ÁREA INDÍGENA CULINA DO RIO EIRU.



## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA







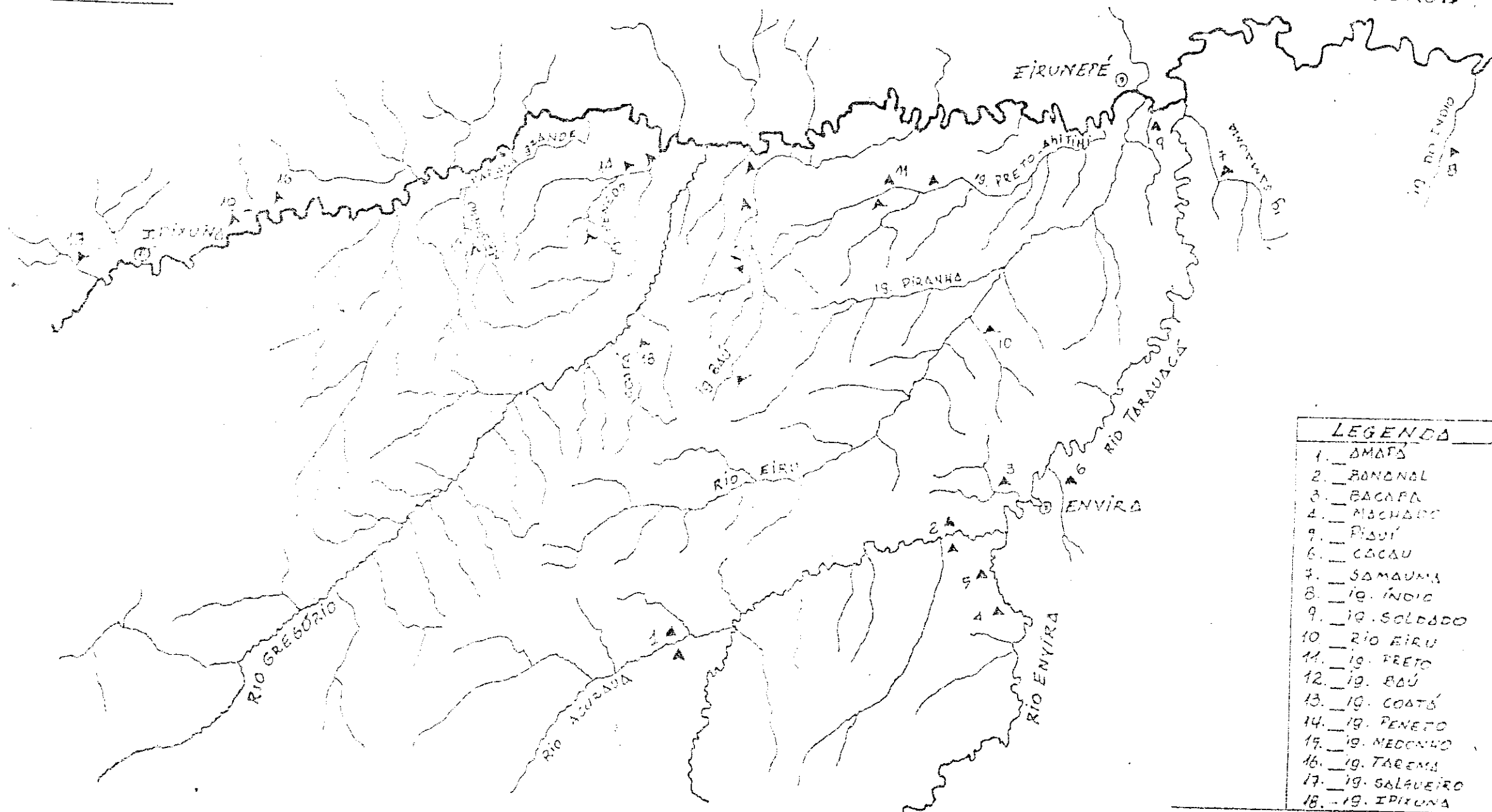
- ▲ aldeia, maloca
- △ aldeia, maloca ou capoeira velhas
- barracão
- barracão desativado

LEGENDA	
1. torre da Lua	8. maloca velha + barracão
2. Januário	9. Nove voltas
3. Poeta Velho	10. maloca velha do Piranha
4. baraca	11. capoeirinha
5. Maloca velha do Branco	12. maloca do Novo Branco
6. Boa Vista	13. São Miguel
7. Maloca velha do Ihitini	14. barracão do Manuelzinho

# ÍNDIOS DA NAÇÃO KULINA

ALTO JURUÁ

RIO JURUÁ



LEGENDA	
1.	AMATS
2.	BANANAL
3.	BACABA
4.	MACHADO
5.	PISUI
6.	COCAU
7.	SAMAUMA
8.	RI. ÍNDIO
9.	RI. SOLTEIRO
10.	RI. EIRU
11.	RI. PRETO
12.	RI. BAÚ
13.	RI. COATS
14.	RI. PENETO
15.	RI. MEDONHO
16.	RI. TAREMA
17.	RI. SALGUEIRO
18.	RI. IPIUNA

Esc. 1/290.000 | RODAM